

**DIÁLOGOS DA
EDUCAÇÃO
LIBERTADORA
DE PAULO FREIRE
COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Fabiano Bossle
Elaine Prodócimo
Daniel Teixeira Maldonado
(Organizadores)

**DIÁLOGOS DA
EDUCAÇÃO
LIBERTADORA
DE PAULO FREIRE
COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Fabiano Bossle
Elaine Prodócimo
Daniel Teixeira Maldonado
(Organizadores)



Florianópolis, 2023

DIÁLOGOS DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE
PAULO FREIRE COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
1ª Edição

© Copyright by *Fabiano Bossle, Elaine Prodócimo e Daniel Teixeira Maldonado*

Revisão Textual
Dos Autores

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa
Rita Motta – Ed. Tribo da Ilha

D536 Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar / Fabiano Bossle, Elaine Prodócimo, Daniel Teixeira Maldonado (organizadores). – 1. ed. – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023. 147 p. : il., figs.

ISBN: 978-65-86602-52-4
Inclui referências

1. Freire, Paulo, 1921-1997 – Educação física (Pré-escolar). 2. Educação Física (Pré-escolar) – Estudo e ensino. 3. Liberdade. 4. Educação.
I. Bossle, Fabiano. II. Prodócimo, Elaine. III. Maldonado, Daniel Teixeira.

CDU: 796:37

Catologação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela internet, sem prévia autorização dos autores.



EDITORA TRIBO DA ILHA
Rod. Virgílio Várzea, 1991 – S. Grande
Florianópolis-SC – CEP 88032-001
Fone: (48) 99122-3860
editoratribodailha@gmail.com
www.editoratribo.blogspot.com



ALGUMAS NOTAS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA TEORIA PEDAGÓGICA CRÍTICO-LIBERTADORA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (ESCOLAR): CORPO DO OPRIMIDO/CORPO CONSCIENTE/ONTO-EPISTEME

Fabiano Bossle¹

- ¹ Professor Associado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESE-FID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano atuando na linha de pesquisa Formação de Professores e Prática Pedagógica. Pós-doutorado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2010); Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2008); Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2003); Especialização em Ciências do Esporte pela UFRGS (1995); Graduado em Educação Física – Licenciatura plena – pelo IPA (1991). Experiência na Área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: Paulo Freire, Educação Física Escolar, Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, Etnografias e Autoetnografias Críticas.





“[...] É urgente, desmitificar e desmistificar a ciência, quer dizer, pô-la no seu lugar devido, respeitá-la, portanto. O corpo consciente e curioso que estamos sendo se veio tornando capaz de compreender, de inteligir o mundo, de nele intervir técnica, ética, estética, científica e politicamente”.

(Paulo Freire, 2020: p. 16).

PRIMEIRAS PALAVRAS

O texto abaixo é a transcrição de um encontro com Daniel Teixeira Maldonado, Agostinho Rosas e Elaine Prodócimo, na mesa “Diálogos da Educação Libertadora de Paulo Freire com a Educação Física Escolar”, no Congresso de Professores de Educação Física Escolar (CONPEFE), que ocorreu no dia 28 de junho de 2023. E era um diálogo pelo qual eu ansiava há algum tempo, para que pudéssemos, juntos, esperar. Eu esperava que nossas palavras pudessem alinhar nossa luta e enriquecer a nossa coletividade, contra as injustiças e violências que constituem e atravessam nossas vidas e as práticas corporais nos currículos escolares. E isso ocorreu! Mas, também foi muito mais do que isso. Foi, no sentido literal da palavra em Paulo Freire, humanização. E foi com eles que fui me reconhecendo e aprendendo, na boniteza de escutar e de me encantar com as palavras, de inspirar com e a partir de Paulo Freire. Situações limites, inéditos viáveis (FREIRE, 2021) e sonhar coletivo. É sobre isso! Boa leitura crítica das palavras. Segue a transcrição da comunicação oral realizada, na íntegra.





A COMUNICAÇÃO ORAL PROPRIAMENTE DITA

É uma grande felicidade finalmente me encontrar, ainda que virtualmente, nesta mesa com colegas que eu, carinhosamente, chamo de amigos, para discutir um tema que nos é caro. E também, saudar nossos colegas que nos acompanham. Muito obrigado pelo diálogo. Agostinho Rosas, Elaine Prodócimo, Daniel Teixeira Maldonado, estou muito feliz que tenhamos nos mobilizado para este diálogo. Muito obrigado, Daniel Teixeira Maldonado e Daniel Carreira Filho por esta oportunidade ímpar. Aproveito para saudar e agradecer a presença do colega Arnaldo Leitão, que nos oferece o apoio técnico que é qualificado por seu percurso acadêmico.

Quando eu penso que estudo as ideias do Paulo Freire desde 1987, também vou percebendo a minha própria incompletude e o quanto mais eu preciso ser rigoroso em compreender a Educação Libertadora do Paulo Freire. Não somente por causa do meu compromisso com uma Educação pública, com a Educação do nosso povo, com a nossa própria Educação, transformadora e libertadora, mas porque meus companheiros de diálogo têm ao seu favor, as experiências de toda uma vida do Agostinho Rosas com Paulo Freire, com Elza, com a família Freire, além da intelectualidade brilhante do Agostinho e de sua capacidade de ler o mundo para ser mais nele; da Elaine Prodócimo e da representação de boniteza do grupo Escolar, que vêm estudando Paulo Freire, desvelando e desafiando nosso compromisso político de estudar com Paulo Freire e; do Daniel Teixeira Maldonado, esse companheiro valioso e combativo, crítico e revolucionário, inquieto e estudioso, que organiza esta mesa e nos convida a aprender com ele, afetiva e politicamente, sobre a Educação Libertadora do Paulo Freire e das produções, junto com a Elaine, de uma pedagogia da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora.





E não posso deixar de falar da não planejada coincidência de uma certa representação regional do nosso encontro, contemplando alguma diversidade regional do Brasil, do nosso belo e consciente Nordeste e da terra natal de Paulo Freire, da região Sudeste e da Região Sul. Mera coincidência, talvez, mas que torna mais rico este momento com o pensamento do Paulo Freire, um educador brasileiro do mundo dos esfarrapados, dos oprimidos, no melhor significado que a expressão possa ter. Tanto quanto, a representação que aqui fazemos das nossas admiráveis Instituições públicas, da Universidade de Pernambuco (UPE), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Muito bom estarmos aqui, hoje. Como diria minha colega e amiga Samara Moura Barreto, do Ceará, que sempre encanta com as palavras, este encontro “*subverte uma heurística singular*”. E que assim seja!

Para dialogar sobre e a partir do tema da mesa, após as belas falas do Daniel Teixeira Maldonado, do Agostinho Rosas e da Elaine Prodocimo, eu fico com a difícil tarefa de dizer alguma coisa interessante sobre e para os “Diálogos da Educação Libertadora de Paulo Freire com a Educação Física Escolar”. Então, eu me proponho o desafio intelectual que parte do lugar que estou, de onde me posiciono, que é me entender na condição de “um ser de práxis” (FREIRE, 2021). Minhas experiências de vida são o exercício de reflexão e de ação sobre a minha prática educativa, sobre a minha própria história e sobre o meu reposicionamento autocrítico nela, tanto quanto, empoderado para um compromisso político de ser mais (FREIRE, 2021) no mundo, não ser menos, também pela Educação Física Escolar. E a teoria do Paulo Freire, e a compreensão sobre o que ela representa, na potência disruptiva de uma Educação que é Libertadora (1980a), no qual eu vou lendo o mundo e aprendendo sobre mim mesmo, porque com os





outros (e claro, faço um parêntese aqui para reconhecer minha incompletude, meu inacabamento e meus limites no meu percurso, na minha própria história de vida, em exercício de permanente auto avaliação e autocrítica, mas, sobretudo, com um persistente desejo de aprender sobre si, porque com os outros).

Como eu disse, eu tenho estudado as palavras do Paulo Freire desde 1987 e sendo desafiado, ora com mais intensidade, ora com menos, a compreender como a Educação Libertadora do Paulo Freire tem influenciado a Educação Física Escolar, no chão da escola e no âmbito de uma ciência que fazemos na Área de Conhecimento. Para isso, eu me propus um projeto de pesquisa na UFRGS (BOSSLE, 2021) no qual eu me desafiei em apresentar as bases do que eu denominei de Teoria Pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora inspirada no pensamento, ideias, teses e experiências do Paulo Freire. Este projeto de pesquisa está em andamento e pretendo apresentar esta tese, ainda neste ano de 2023, de uma Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, e que começou a ser pensada ali pelo ano de 2016.

E a minha demora em publicar essa teoria pedagógica, demora de 8 anos, é porque, também, no Brasil, trabalhamos muito, pela particular intensificação do trabalho docente a que somos submetidos no contexto laboral da docência no Brasil, por vezes, trabalhando até em finais de semana. Mas, também, porque às vezes, é preferível ter cuidado neste estudo em função de como algumas pessoas concebem as teorias e as concepções na Educação Física brasileira, atribuindo sentidos que se assemelham quase como se fossem “paixões clubísticas” e, por último, porque eu aguardava a produção decorrente da data alusiva aos 100 anos de Paulo Freire, no ano de 2021. Sobre os 100 anos, eu estava certo. Porque minha pesquisa é de natureza teórica, realizada a partir da revisão do que autoras e autores têm publicado sobre Paulo Freire. Cabe destacar que houve um aumento no número





de produções que contemplam esta perspectiva e, que tem tentando (autoras e autores), tanto quanto eu, estudar rigorosamente e compreender a Educação Física Escolar e a Educação Libertadora. E tem muita coisa boa!

Mas também é importante ter presente a relação com a historicidade (FREIRE, 1997; 2000a) e a análise de conjuntura (SOUZA, 1984). Desde alguns primeiros esforços intelectuais de publicação do João Paulo Subirá Medina (1983; 1987; 2010), do Vitor Marinho de Oliveira (2010), do Elenor Kunz (1991), do Vicente Molina Neto (1996), passando para o Claudio Luis de Alvarenga Barbosa (2007), da Silvana Ventorim (1994; 1997; 2000), da Selma Muniz da Silva Xavier (2002) e outras e outros, localizados nas 27 dissertações ou teses de doutorado² que trataram da aproximação ou convergência do pensamento de Paulo Freire com a Educação Física Escolar de maneira central e, também, da produção em artigos científicos publicados em periódicos nacionais, com já 53 resultados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES³), sendo que é possível perceber a emergência de pesquisadoras e de pesquisadores presentes na excelente publicação da edição especial sobre Paulo Freire, da Revista Brasileira de Educação Física Escolar, a REBESCOLAR, de setembro de 2021, com textos do Daniel Teixeira Maldonado, do Elenor Kunz, do Luiz Renato Assunção Vieira, da Juliana Rezende Torres, do Cláudio Aparecido de Sousa, da Elisabete dos Santos Freire, do Uirá de Siqueira Farias, da Graciele Massolli Rodrigues, do Raphaell Moreira Martins, da Bruna Gabriela Marques, do Diego Pinto Jabois, do

² Consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 19/06/2023, com os termos “Paulo Freire” and “Educação Física”, encontrando 73 resultados. Ao aplicar o critério de exclusão Educação Física Escolar, os resultados caíram para 27.

³ Consulta ao Portal de Periódicos da CAPES em 19/06/2023.





Mesaque da Silva Correia, do Leandro Oliveira Rocha, do Marcio Cardoso Coelho e do Samuel Nascimento de Araújo, da Elaine Prodócimo e da Priscila Errerias Bonfietti, da Samara Moura Barreto, da Silvia Maria Nóbrega-Therrien, da Ana Clícia Freitas Guedes e do João Eduardo Santos Nogueira, do Halisson Mota Cunha, da Liana Lima Rocha e da Maria Eleni Henrique da Silva, da Emmanuelle Cynthia da Silva Ferreira, da Cyntia Emanuelle Souza Lima, do Luiz Sanches Neto e da Luciana Venâncio e tantas pessoas que vêm se destacando na leitura de Paulo Freire com a Educação Física Escolar, que eu destacaria, ainda, o nome de Valdilene Aline Nogueira (2019a) e da sua obra com o Claudio Aparecido de Sousa e com o Daniel Teixeira Maldonado (2019b) e o livro da Alessandra Andrea Monteiro e da Vilma Nista-Piccolo (2020). E é muito importante destacar que há esforços em analisar a produção científica para compreender a emergência de uma teoria pedagógica, que, obviamente, envolve a produção cotidiana das professoras e dos professores de Educação Física do chão das escolas e em suas experiências existenciais e em seus cotidianos.

E o que eu me proponho em apresentar brevemente para nosso diálogo de hoje sobre a Educação Libertadora de Paulo Freire com a Educação Física Escolar, é um pouco do esforço intelectual com o qual eu venho me dedicando para a constituição de uma Teoria Pedagógica Crítico-Libertadora da Educação Física Escolar, que eu vou intitular de “Algumas Notas para a Constituição de uma Teoria Pedagógica Crítico-Libertadora da Educação Física (Escolar)”. E que é um movimento dialógico e dialético ao qual eu me coloco para apresentar algumas ideias preliminares.

Vou iniciar com uma necessária contextualização resgatando uma cena da minha realidade, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Então que em meio à uma crise institucional de gravíssimas





proporções em Porto Alegre, no início deste mês de junho do ano de 2023, com a denúncia de compra de livros e de *cromebooks* sem licitação e armazenados em galpões e depósitos de escolas, sem distribuição às comunidades escolares e, que culminou com a demissão da Secretária de Educação, o prefeito da Capital das gaúchas e dos gaúchos, que é de um partido de direita e ligado ao ex presidente do Brasil, aquele que é inominável, se saiu com uma frase, para dar explicações à imprensa e ao povo de Porto Alegre, que merece uma dedicada atenção da nossa parte. Disse ele (e me permitam ler o fragmento): “– *Inovar no ensino público é um desafio gigantesco, que passa por quebra de paradigmas. Mas nós temos a convicção de que o aluno da periferia deve ter a mesma oportunidade que estudantes da rede particular, – e aí vem a cereja do bolo – com acesso à tecnologia para uma educação verdadeiramente libertadora e um futuro promissor [...]*”. “Educação verdadeiramente libertadora” na condição de projeto para a educação pública de governo de direita? E não é “Educação Libertadora”, é “educação verdadeiramente libertadora”! E estamos falando aqui de um governo municipal que defende o equívoco que são as escolas cívico-militares. Desconsiderando uma provável performance de pirotecnia política do prefeito direito, notoriamente para agradar as comunidades das escolas municipais de Porto Alegre, que na sua grande maioria, são localizadas em bairros mais periféricos da capital dos gaúchos, preocupa, e muito, a expressão tão cara aos educadores progressistas do povo brasileiro e, que tem em Paulo Freire e na Educação Libertadora do Paulo Freire, a referência e a utopia de uma educação transformadora das opressões e desigualdades econômicas, políticas e sociais impostas. E logo Paulo Freire, tão atacado, difamado e criticado pela cultura de ódio que se impôs ao Brasil de 2016 para cá, mais especificamente, de 2018 até janeiro de 2023, teria passado a ser referência de governos de partidos de direita e de ultradireita? Provavelmente, não! Seguindo o pressuposto





de identificar as contradições nas práticas antagônicas (FREIRE, 1992), o que pode estar ocorrendo é o assustador movimento do “sequestro dos significados” pelos opressores, que, neste caso, “sequestram” os significados das expressões para controlar através do que o próprio prefeito de Porto Alegre afirma, que é uma “quebra de paradigmas”. Exemplos recentes dessa relação são as expressões democracia e liberdade, ambas incorporadas e empregadas ao novo léxico da educação política de direita brasileira. E aí, o desafio que fica para nós, que acreditamos e militamos por mais humanidade, com e na condição de oprimidos, conscientes de nossa permanente incompletude, é a rigorosidade por uma ética humana (FREIRE, 1997) com que nos posicionamos na história, tanto quanto, na particularidade de nosso ofício de professoras e de professores, pelos conhecimentos do campo da Educação e pelos conhecimentos do subcampo da Educação Física Escolar, em ler o mundo do oprimido.

E a necessária apresentação desta cena nos permite uma análise da conjuntura (SOUZA, 1984) política, econômica, social e pedagógica que nos encontramos. E da potencialidade e da atualidade da conscientização pela Educação Libertadora do Paulo Freire. O projeto de Educação de mercado neoliberal, de uma Educação S/A (BOSSLE, 2019), que foi um fracasso nos Estados Unidos, está sendo imposto ao Brasil de forma violenta. Os ataques às professoras e aos professores pela cultura de ódio e de desvalorização do que fazemos nas escolas, e que ocorrem mesmo após o período mais severo de distanciamento social da pandemia da SARS COVID-19, em que tivemos de nos desdobrar e aprender sobre outras estratégias didáticas para ensinar o conhecimento da Educação Física Escolar.

Também não podemos esquecer dos currículos nefastos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um currículo nacional que impõe conhecimentos e estratégias para adequação





do ensino aos mandos e desmandos das avaliações internacionais, que por fim, penalizam os estudantes de estratos menos favorecidos da população brasileira e perpetuam o que Paulo Freire chamou de expulsão da escola (2000b). E mais, em currículos regionais como é o caso do Rio Grande do Sul, e em nome de um “economês liberal” de gestores públicos que querem agradar ao empresariado e ao Deus Mercado, a imposição violenta e criminosa do Novo Ensino Médio dá visibilidade à inovação e empreendedorismo, enquanto retira os conhecimentos das ciências humanas, porque humanizadoras pelo processo de conscientização, da sociologia, da história, da Educação Artística e da Educação Física. E eu fiz uma provocação aqui, deslocando o componente curricular Educação Física da área da saúde, para incluir numa perspectiva de ciência humana, mas, quero deixar claro que não é uma crítica inconsequente, sobretudo é um exercício de posicionar uma outra concepção de saúde, mais humanizada no processo de escolarização, como defende a minha colega Mauren Lúcia de Araújo (2020).

Após uma breve passagem para entender as forças que têm atuado para o estado das coisas como estão, da vida como ela tem sido para os oprimidos e esfarrapados do mundo, alguns indícios apontam para a potencialidade de uma Educação Libertadora. E, particularmente, talvez tenhamos elementos para a formulação e defesa, ainda que de modo preliminar neste momento, de uma Teoria Pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, fundamentada na Educação Libertadora do Paulo Freire (1980a; 2021). Para esclarecimento do termo que estou empregando, uma teoria pedagógica, resumidamente, trata dos conhecimentos fundamentais e que servem de base teórico-metodológica para orientação de uma prática educativa. E, no caso específico da Educação Libertadora do Paulo Freire, também de uma prática educativa que serve de base teórico-metodológica





para fundamentar os conhecimentos, uma epistemologia, porque o processo de conscientização sobre as experiências existenciais em suas realidades, produz uma pedagogia particular que se constitui como uma pedagogia deles, estudantes, e não para eles (fazendo a importante referência à uma pedagogia do oprimido) (FREIRE, 2021).

Nesse sentido, dois textos do Valter Bracht, escritos em diferentes temporalidades, são fundamentais como ponto de partida para a formulação de uma teoria pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora: um artigo publicado no Caderno CEDES, de 1999, intitulado “A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física” e, um outro texto, que é, ao meu ver, indispensável na biblioteca da professora e do professor progressista, porque críticos, que é o livro “A Educação Física Escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que ela pode ser (Elementos de uma Teoria Pedagógica para a Educação Física)”, publicado no ano de 2019. E antes que me perguntem, por que estes dois textos e não outros textos e autores importantes, respondo que muitas autoras e autores são importantes para a formação do pensamento progressista da Educação Física Escolar brasileira, mas o Bracht apresentou um conjunto de ideias intelectualmente organizadas e muito bem fundamentadas pontualmente para a constituição de teorias pedagógicas crítico-progressistas da Educação Física Escolar brasileiras. Claro que a caminhada progressista no campo da Educação Física acolhe as importantes e marcantes contribuições de muita gente, que não vou nomear para não cometer o equívoco sem desculpas do esquecimento, mas o foco, aqui, é uma perspectiva crítico-progressista, desde uma compreensão de uma renovação progressista da Educação Física que ainda está em curso, mas que tem a marca histórica dos enfrentamentos realizados no início dos anos 1990 no Brasil, seguindo um movimento de emergência progressista da Educação no Brasil.





Na constituição das teorias pedagógicas crítico-progressistas, eu destacaria o movimento da Educação Física Escolar de Aulas Abertas à Experiência, do Reiner Hildebrandt-Stramann e do Ralf Laging (1986), da Crítico-Emancipatória, do Elenor Kunz (1991), a Crítico-Superadora do Coletivo de Autores (1992)⁴ e, o Currículo Cultural, do Marcos Garcia Neira e do Mário Luiz Ferrari Nunes (2006). Sim, porque o pós-crítico, também é crítico e também crítico-progressista, pelo menos como o Marcos o posiciona. As pedagogias críticas, nestes casos, preservadas as particularidades dos referenciais teóricos do materialismo histórico-dialético, do agir comunicativo e das teses pós-críticas, convergem, no âmbito da Educação Física Escolar brasileira, no entendimento de uma formação que permita o esclarecimento e a crítica, às formas de dominação e de reprodução dos conhecimentos das pedagogias tradicionais e dos paradigmas dominantes no campo da Educação Física em sua recente história no Brasil (à saber, médica, militar e esportivizada).

E, claro, é preciso considerar a convergência, também, na crítica social, para o reconhecimento das diferentes formas de opressão que se cristalizam nas práticas corporais, no que chamamos de cultura corporal de movimento, como o eixo suleador dos conhecimentos e das práticas corporais a serem produzidos na Educação Física Escolar Brasileira. Então, que a teoria pedagógica crítico-libertadora não se coloca de maneira antagônica às relevantes teorizações pedagógicas e didáticas das aulas abertas, crítico-emancipatória, crítico-superadora ou do currículo cultural, pelo contrário, se alinha na potencialidade de uma perspectiva crítica de Educação Física Escolar, mas reconhece os

⁴ A referência correta é SOARES, C. L. Et All. O livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”, foi organizado por um grupo de professores progressistas, constituído pela Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Escobar e Valter Bracht.



diferentes marcos teóricos e práticas educativas produzidos em cada uma delas. E é exatamente por reconhecer o que é comum às teorias pedagógicas crítico-progressistas na Educação Física Escolar brasileira, tanto quanto em suas particularidades, que defendo a constituição particular de uma outra teoria pedagógica da – dela, e não para ela – Educação Física Escolar brasileira. No que ela se fundamenta, então?

Pois o Valter Bracht (2019) afirma que o discurso legitimador da Educação Física opera invariavelmente com um entendimento do significado que o corpo e o movimento (as práticas corporais) possuem para o ser humano, não somente se baseando, mas também, colocando em ação um entendimento de corpo e de movimento. E esse corpo precisa ser visto, para o Valter Bracht, não somente como um veículo ou portador de signos sociais e culturais, mas, como elemento que participa ativamente da produção de signos e de significados. Ele afirma ainda que “*não se faz cultura humana sem corpo*” (BRACHT, 2019: p. 220). A defesa de Valter Bracht para a constituição de uma teoria pedagógica na Educação Física é a educação corporal. Pois bem, é do corpo, pelo corpo e com o corpo que pretendo, brevemente, argumentar sobre a base da teoria pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, reconhecendo-a em suas particularidades junto à outras possibilidades críticas do campo.

Dito isto, reitero o que já disse em outras comunicações, que o Paulo Freire foi muito generoso em narrar as suas experiências, em compartilhar seu percurso, seus desafios, seus dilemas, suas aprendizagens e o seu próprio processo de alfabetização política (FREIRE, 1985), se colocando no mundo a partir da compreensão de seu próprio processo de inacabamento e da riqueza do outro em sua história de vida. Paulo Freire não se colocou fora dos fenômenos que analisou, pelo contrário, entendeu cedo que suas próprias experiências se constituiriam em permanente





estado de conscientização com o mundo, com as realidades e outras experiências e, com os outros. É sobre seu corpo que são construídas as narrativas das experiências de Paulo Freire, rica na sensibilidade com que se permitiu nos contar de seus sentidos, de como sentiu, viveu e se posicionou em cada momento, da indignação à transformação. A história auto narrada de Paulo Freire é a consciência de si para ser mais. É vocação ontológica! (FREIRE, 1980a, 2021). E ele mesmo definiu essa expressão, vocação ontológica! Vocação ontológica que compreende o ser, a existência e a realidade, traduzidos na experiência existencial de ser mais (FREIRE, 2021). Ser mais, não ser menos, é parte de um processo de reconhecimento dos determinismos e fatalidades que o medo da liberdade (FREIRE, 2021) nos condiciona, mas, que também é problematizadora, quando nos propomos a nós mesmos como problemas, nos fazendo perguntas, para nos reconhecer na condição de seres históricos, inacabados e inconclusos em e com uma realidade, que sendo histórica, também é inacabada. A vocação ontológica é se propor a si mesmo como problema, sobre saber de si, em uma dada realidade, operando pela recuperação de sua humanidade roubada, que é um ser menos (FREIRE, 2021).

E ao mesmo tempo, o Paulo Freire escreveu que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo e, que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2021). Educar é aprender, desde um posicionamento assumido por si mesmo, pela curiosidade epistemológica constituída com mais crítica para aprender o conhecimento dos fenômenos da cultura corporal de movimento de uma dada realidade. Então, me permitam um atrevimento com as palavras e o poderoso pensamento do Paulo Freire, para dizer que ninguém desoprime ninguém, ninguém desoprime a si mesmo. Os homens se libertam entre si, mediatizados pelo mundo. O que eu quero dizer é que a





superação da consciência ingênua para uma consciência crítica, se dá na problematização de si mesmo em sua realidade, na condição de um corpo consciente (FREIRE, 2021), que também é experimentada por outros corpos, mas que jamais é transmissão de A para B. Porque o pressuposto do conhecimento está na experiência existencial do corpo do oprimido e da sua compreensão, por uma leitura de mundo (FREIRE, 2021), contemplando a historicidade e a sua realidade, num processo que inclui codificação, decodificação e palavras geradoras próprias, particulares de ser na história e identificadas no universo temático do povo, dele, não para ele, a partir de uma onto-episteme.

Se, por um lado, ocorre um processo de naturalização da imposição epistemológica na educação corporal, de modo que para determinados conhecimentos são atribuídas as condições mais legitimadoras sobre os processos de ensino e de aprendizagens na Educação Física Escolar, por outro, e deixemos claro que é bem por outro lado, a Educação Libertadora permite posicionar uma onto-episteme a partir da compreensão de corpo consciente. E a história do corpo do Brasileiro é a história dos vencedores, da colonização do homem branco, europeu ou do Norte do Globo terrestre, heterossexual, elitista, religioso, conservador, autoritário, xenófobo, violento, com normas civilizatórias próprias e desumanizador. As práticas e os cuidados com o corpo são o próprio processo de colonização epistemológica pelo corpo, em que pese o argumento do que Paulo Freire denominou de “*mito da inferioridade ontológica*” do oprimido (FREIRE, 2021), em detrimento da superioridade do opressor. O corpo da mulher, o corpo negro, o corpo indígena, o corpo trans, o corpo obeso, o corpo idoso e, também o corpo pobre, por exemplo, têm um lugar desqualificado, não raramente, negado e de menores condições de oportunidades a partir de uma fundamentação “científica”





da racionalidade colonizadora da normatividade corporal, que é desumanizadora.

E ainda há, na particularidade do componente curricular Educação Física, a desqualificação, ou, para ser mais contemporâneo, o “cancelamento” do corpo que se apresenta com menor habilidade esportiva, com menor desempenho físico em acordo com parâmetros externos aos próprios corpos, mas que privilegiam a excelência do rendimento e, o corpo da pessoa com deficiência. Meu esforço aqui é especular a existência de uma epistemologia oriunda de uma racionalidade de corpo que é dominante e colonizadora, que se cristalizou no currículo da Educação Brasileira e, historicamente e de maneira conseqüente, como um processo de educação do corpo, que despreza uma razão ontológica de corpo que é pautado na experiência existencial do ser mais (FREIRE, 2021), por saberes e conhecimentos outros, reconhecidos pela superação crítica e libertadora de um corpo consciente.

Por uma perspectiva de onto-episteme da teoria pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, é possível reconhecer os saberes e conhecimentos da Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2021), do corpo do oprimido, que é corpo consciente. O processo de colonização curricular em curso, entende o corpo na condição de sua serventia, de um corpo servil, adestrado para resolver as novas imposições do mundo do trabalho e assegurando sua própria responsabilização pelos “fracassos”, ou seja, ou o corpo é preenchido com as novas habilidades da normatividade corporal dominante, ou, sofre as conseqüências por não ter criado as condições de possibilidade de sucesso que é estar alinhado ao que, ao fim e ao cabo, é um mandamento do Deus Mercado. A ideia da seleção pela meritocracia faz com que o corpo seja servil aos processos de vida e de trabalho que se impõe por currículos que têm privilegiado a colonização neoliberal do corpo. Inovar





e empreender são expressões que orientam a cultura dominante que começa a atravessar os currículos, saberes e conhecimentos que penalizam e culpabilizam o corpo oprimido, que não reconhece essa realidade como sua. E realmente, não é!

A criança, o jovem, o adulto e o idoso em condições de escolarização, mas que não consegue se adequar aos tempos da aprendizagem opressora, passa a ser um fardo pesado para a gestão do currículo escolar de mercado neoliberal. Ou o corpo aceita docilmente, passivamente, a imposição dos saberes e dos conhecimentos da epistemologia de resultados que privilegiam o que está distante das experiências corporais do corpo oprimido em sua realidade, ou, ele é um corpo marginalizado. E os saberes e os conhecimentos da Educação Física Escolar brasileira não transitam em ambiente deslocado da realidade do estudante. Pelo contrário, operam na produção de signos e significados compartilhados nas experiências existenciais intersubjetivas do corpo oprimido, que superando a concepção mecânica de consciência corporal, desvela um universo temático em sua própria realidade, contemplado por saberes e conhecimentos de uma onto-episteme, para o corpo consciente. Nesse sentido, é preciso reconhecer a particularidade de compreensão da expressão “crítica” em Paulo Freire, considerando a superação da consciência ingênua pelo oprimido, que é concepção mecânica de consciência, para outra consciência, que é crítica de sua realidade, porque libertadora, logo, que é corpo consciente (FREIRE, 2021).

E algumas pesquisas que temos realizado (CRUZ, 2017; MÜLLER, 2019; ROCHA, 2019; ARAÚJO, 2021; BOLDORI, 2022; COELHO, 2023; NUNES, 2023), revelam a potencialidade da problematização da Educação Física Escolar, pelas próprias professoras e professores da Educação Básica. São pesquisas científicas orientadas pela Educação Libertadora do Paulo Freire e pelas pedagogias críticas que também referenciam Paulo Freire.





Fundamentalmente, temos nos esforçado em interpretar os signos e os significados produzidos intersubjetivamente na Educação Física Escolar pelas experiências existenciais de quem vive o chão das escolas. Alguns autores, como o Thiago da Silva Machado (2019), que defendeu tese de doutorado na Universidade Federal do Espírito Santo, fazem importantes observações dessa tensão entre uma dimensão epistêmica da teorização e a perspectiva de uma outra forma de investigação, denominada de estudos nos/dos/com os cotidianos. Algo muito importante para distinguir o discurso legitimador da Educação Física, do conhecimento que é produzido e compartilhado no chão das escolas. Por isso, nossas pesquisas têm procurado formas de validação do conhecimento produzido pelo conhecimento de si, escritas de si e, que obviamente, são interpretações compartilhadas com as pessoas que compartilham das culturas escolares narradas. Estamos entendendo que a possibilidade de constituição de uma teoria pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora por uma onto-episteme, partindo de uma racionalidade que contempla os signos e os significados a partir das experiências existenciais do ser mais do corpo oprimido, na condição de um corpo consciente, podem produzir um conhecimento libertador.

A racionalidade epistemológica dominante de ciência tem definido os conhecimentos que enquadram o corpo do oprimido no currículo escolar. Ele mesmo, currículo, cada vez mais, uma peça de ficção que não representa os conhecimentos das classes populares e os nega, ou cancela, no percurso meritocrático que prescreveu, para selecionar aqueles privilegiados por práticas corporais alinhadas aos mandamentos do Deus Mercado neoliberal. Uma onto-episteme é política curricular de resistência, de descolonização curricular, como defende o Samuel Nascimento de Araújo em sua tese intitulada “Essa Terra tem Dono”! (ARAÚJO, 2021), em alusão à frase do indígena Sepé Tiaraju ao resistir





aos invasores. O ser mais em Paulo Freire é a possibilidade de construção de uma Educação Física que contemple a historicidade e a história de vida dos corpos, pelas práticas corporais representadas com as experiências existenciais, de ser no mundo e não de estar, do corpo dos oprimidos. Os saberes e os conhecimentos desta teoria pedagógica da Educação Física Crítico-Libertadora, não estão fora do corpo do oprimido e não são para ele, pelo contrário, são significadas no processo de consciência do corpo dele, oprimido, desvelando uma racionalidade que é ontológica e epistemológica, de ser mais no mundo. O desvelamento das formas de opressão pelo corpo do oprimido, em suas experiências existenciais, é o corpo consciente para ser mais. E, também cabe um complemento à essa ideia, que, talvez e por vezes, nas publicações sobre Paulo Freire e Educação Física Escolar, o corpo e a teoria, por vezes, estejam dissociados, ora com duas partes sem conexão clara, ora como a perspectiva aplicada, de um corpo passivo que recebe as aplicações de um conhecimento teórico e, ora como um corpo que é parte do processo histórico de colonização pelo corpo masculino, branco, heterossexual, europeu ou do Norte...

Diante disto, parece claro que a Educação Física Escolar precisa fazer sentido para os estudantes da Educação Básica. Precisa também, fazer sentido no âmbito da ciência, do discurso legitimador que produz. Ao esboçar com clareza que o fenômeno em questão é a cultura corporal de movimento, temos clareza de que o movimento é fundamental, mas não o movimento pelo movimento, sem reflexão. Somos seres de práxis (FREIRE, 2021), definiu Paulo Freire, portanto, com a capacidade crítica de reconhecer as experiências existencialmente, por nossos próprios signos e significados, uns com os outros, as práticas corporais e, compreender as forças que se manifestam a partir da sociedade e nas culturas, de opressão e controle dos corpos.





Já me encaminhando para finalizar, Paulo Freire, ao narrar suas próprias experiências existenciais, revelou também a própria a vocação ontológica para ser mais (FREIRE, 2021), um processo de conscientização e de libertação que é pedagógico, que trata de aprendizagens. É por uma Pedagogia do Oprimido, do corpo do oprimido, pedagogia das aprendizagens do corpo dele, não que estejam prontas para aplicação no corpo dele, que, portanto, nos permitimos pensar uma racionalidade outra, de natureza ontológica por um pensamento que é político, porque é pedagógico, e é pedagógico, porque é político para ser mais na história que escreve com o próprio corpo, um corpo consciente. E isso significa reconhecer que Paulo Freire não produziu um método, nem uma pedagogia aplicada. Paulo Freire se permitiu a generosidade de narrar as próprias experiências com a Educação Libertadora e defender uma Pedagogia do Oprimido. É nessa capacidade de narrar a si mesmo que temos apostado, de reconhecer as experiências existenciais produzidas nas realidades das escolas, as problematizações da nossa prática educativa e os processos de conscientização produzidos por quem, como eu, aposta na esperança de uma sociedade com oportunidades para todas e todos, tanto quanto, uma Educação Física Escolar que seja outra, acolhedora das práticas corporais dos grupos historicamente silenciados e negados na história da Educação brasileira.

Eu acredito que estamos no caminho com a Teoria Pedagógica da Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, inspirada em Paulo Freire, e que articula de maneira poderosa, uma outra alternativa crítica na Educação Física brasileira, que reconhece com admiração as outras possibilidades existentes, mas que é, de modo particular, alinhada pelo corpo do oprimido, do corpo consciente e por uma onto-episteme libertadora. A teorização da Educação Física Crítico-Libertadora não pretende negar os conhecimentos provenientes de uma ciência tradicional, mas,





sobretudo, neste processo de conscientização para ser mais no mundo (FREIRE, 1980b), pretende contemplar uma cosmovisão, pelo reconhecimento das ancestralidades, por outras culturas e formas de produção de conhecimento, que, neste caso, só se torna possível, na condição de inédito viável (FREIRE, 2021), por uma onto-episteme do corpo consciente, que é a assunção de uma outra forma de ser.

Então, para retomar a cena apresentada no início da comunicação, do emprego da expressão “libertadora”, pelo prefeito de Porto Alegre, agora sim, de maneira legítima e justificada teoricamente, *Oxalá* tenhamos esperança na construção de uma Educação Física Escolar verdadeiramente e radicalmente libertadora, porque humanizadora!

||| PALAVRAS PARA O DIÁLOGO COM O TEXTO

Considero importante encerrar o texto com algumas palavras, pensadas em uma temporalidade diferente daquela do dia 23 de junho de 2023. Destaco o desafio para começar a apresentar a Teoria Pedagógica Crítico-Libertadora da Educação Física Escolar por uma racionalidade orientada por uma onto-episteme, portanto, de uma razão inspirada no processo de humanização do ser mais (FREIRE, 2021) pelo corpo do oprimido, por um corpo consciente (FREIRE, 2021; 2020). Reitero que se trata de outra teoria pedagógica crítico-progressista da Educação Física e que se inscreve numa perspectiva de reconhecimento das demais propostas, situando-se a partir da inspiração do pensamento e das teorias de Paulo Freire. A particularidade da teoria pedagógica que proponho opera na educação corporal (BRACHT, 2019) reconhecendo as tramas pelas quais os corpos das crianças, jovens, adultos e idosos em fase de escolarização desvelam em





suas realidades, desafiados por práticas corporais que produzem signos e significados inscritos na normatização dominante de corpo. Pressupõe-se que a transição – que é superação – de uma consciência ingênua de corpo oprimido, para uma consciência crítica, de um corpo em construção de consciência a partir das próprias experiências existenciais – o corpo consciente -, constituído por uma pedagogia do oprimido, que é dele e não para ele, é a força política e epistemológica da sua razão de ser. Que é ser mais (FREIRE, 2021).

Portanto, a “desmitificação e a desmistificação da ciência”, como propõe Paulo Freire (2020) e que foi apresentado na epígrafe deste texto, significa a superação de uma racionalidade dominante e a proposta de uma educação corporal fundamentada na libertação. Libertação que não nega os saberes e conhecimentos da ciência tradicional e nem da pedagogia do treinamento que se impõe historicamente nas aulas de Educação Física Escolar, orientada pelo controle dos corpos, por um currículo verticalizado, por uma colonização epistemológica e cultural, pela concepção mecânica da consciência (corporal) e por uma pedagogia “bancária” (FREIRE, 2021), no qual o corpo do oprimido é negado e silenciado pela dominação de signos e significados da invasão cultural (FREIRE, 2021). A Teoria Pedagógica Crítico-Libertadora da Educação Física Escolar, posicionada por uma onto-episteme do corpo consciente é, como dito anteriormente, fundamentada numa cosmovisão das experiências existenciais dos diferentes corpos em sua razão de ser por práticas corporais de um corpo em processo de libertação, de si mesmo e dos corpos alinhados intersubjetivamente na realidade. Corpo, cultura e movimento, termos fundamentais isoladamente, se constituem em uma expressão única pela experiência do oprimido em sua realidade, por uma educação corporal orientada para a descoberta crítica da Cultura corporal de movimento.





REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. L. **A Saúde de Quem? Uma Etnografia Crítica sobre a Saúde na Educação Física do Ensino Médio de uma Escola Pública de Uruguaiana-RS.** (Tese de Doutorado). Doutorado em Ciências do Movimento Humano. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

ARAÚJO, S. N. **“ESTA TERRA TEM DONO/ CO YVY OGUERECO YARA”:** uma autoetnografia crítica da produção de resistência política de um professor de Educação Física de Guarani das Missões/RS. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2021.

BARBOSA, C. L. A. **Educação Física Escolar:** da alienação à libertação. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOLDORI, G. Z. **“E Que a História Que Me Ensinaram, Eu Posso Viver Ela de Outra Forma”:** uma pesquisa sobre a Educação Física escolar e a mediação pedagógica na perspectiva da Educação Libertadora de Paulo Freire. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2022.

BOSSLE, F. Atualidade e Relevância da Educação Libertadora de Paulo Freire na Educação Física Escolar em Tempos de “Educação S/A”. In: SOUSA, C. A.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Educação Física Escolar e Paulo Freire:** ações e reflexões em tempos de chumbo. (Coleção Educação Física: Formação para o cotidiano escolar). Curitiba: CRV, volume 38, 2019.

BOSSLE, F. **A Educação Física Escolar Brasileira Orientada na Perspectiva Teórico- Metodológica da Educação Libertadora de Paulo Freire.** (Projeto de Pesquisa em andamento na UFRGS). Porto Alegre: PROPESq/ UFRGS, 2021.

BRACHT, V. A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física. Campinas: UNICAMP/**Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, p. 69-88, agosto, 1999.





BRACHT, V. **A Educação Física Escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que ela pode ser (Elementos de uma Teoria Pedagógica para a Educação Física). Coleção Educação Física. Ijuí: Editora Unijuí, 2019.

COELHO, M. C. **Experiência Negra, Negritude, Educação Física e Educação Libertadora em uma Autoetnografia Crítica em uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**. (Tese de Doutorado em andamento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2023.

CRUZ, L. L. **As Bonitezas da EJA**: dos compassos e descompassos que (re)formam a cultura escolar da EJA em uma escola de Canoas/RS – notas autoetnográficas. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2017.

FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980b.

FREIRE, P. **The Politics of Education. Culture, Power and Liberation**. Massachusetts/USA: Bergin and Garvey Publishers, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2ª ed. (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: UNESP, 2000a.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000b.

FREIRE, P. **Política e Educação**. (Organização Ana Maria de Araújo Freire). 5ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 80ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.





HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; LAGING, R. **Concepções Abertas no Ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1991.

MACHADO, T. S. **Pesquisa Pedagógica em Educação Física e os “Estudos NOS/DOS/COM os Cotidianos”**: entre a construção de alternativas investigativas e a fragilização da dimensão epistêmica na teorização. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2019.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do Corpo e... “Mente”**: bases para a renovação e transformação da Educação Física. (Coleção Krisis). Campinas: Papyrus, 1983.

MEDINA, J. P. S. **O Brasileiro e Seu Corpo**: educação e política do corpo. Campinas: Papyrus, 1987.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do Corpo e... “Mente”**: novas contradições e desafios do Século XXI. João Paulo Subirá Medina, Edson Marcelo Hungaro, Rogério dos Anjos, Valter Bracht, colaboradores. 25ª Edição revisada e ampliada. Campinas: Papyrus, 2010.

MOLINA NETO, V. **La Cultura Docente Del Profesorado de Educación Física de Las Escuelas Públicas de Porto Alegre**. (Tese de Doutorado). Universitat de Barcelona. Departament de Didáctica i Organització Educativa. Divisió de Ciències de l'Educació. Programa de Doctorado Innovació Curricular i Formació Del Professorat, 1996.

MONTEIRO, A. A.; NISTA-PICCOLO, V. **Diálogos com Paulo Freire no Cotidiano da Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2020.

MÜLLER, K. A. “O meu pouco, é muito aqui”! A Educação Física Escolar na socioeducação. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2019.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte Editora, 2006.





NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. dos S.; FREIRE, E. dos S.; MIRANDA, M. L. de J. Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1265–1280, 2019a. DOI: 10.22456/1982-8918.85020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/85020>. Acesso em: 13 jul. 2023.

NUNES, L. O. **Desafios de Leituras de Mundo**: uma autoetnografia sobre a práxis transformadora das aprendizagens da Educação Física Escolar. (Tese de Doutorado em andamento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2023.

OLIVEIRA, V. M. Educação Física Humanista. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Shape, 2010.

Revista Brasileira de Educação Física Escolar. Centenário do Professor Paulo Freire. Edição Especial. Setembro de 2021. Disponível em: <https://www.rebescolar.com/conpefe/EDI%C3%87%C3%83O-ESPECIAL-EM-COMEMORA%C3%87%C3%83O-AO-CENTEN%C3%81RIO-DO-SAUDOSO-PROFESSOR-PAULO-FREIRE/EDI%C3%87%C3%83O-ESPECIAL---100-ANOS-DE-PAULO-FREIRE/d36b7050-3f54-4584-a214-f007fa9932a8>

ROCHA, L. O. **Reconhecimento Intersubjetivo da Multicultura Corporal**: o reposicionamento da teoria crítica na Educação Física Escolar na perspectiva de Axel Honneth. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2019.

SOARES, C. L. Et All. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

SOUSA, C. A.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Educação Física Escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões em tempos de chumbo. (Coleção Educação Física: Formação para o cotidiano escolar). Curitiba: CRV, volume 38, 2019b.

SOUZA, H. J. **Como se Faz Análise de Conjuntura**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.



VENTORIM, S. Educação Física: uma experiência na perspectiva de Paulo Freire. In: FERREIRA NETO, A. (org.). (Coleção Monografias UFES/CEFD). Vitória: Editora UFES, p. 97-119, 1994.

VENTORIM, S. **Implicações da teoria pedagógica de Paulo Freire para a práxis da Educação Física no ensino de primeiro grau.** (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, 1997.

VENTORIM, S. Caracterização do Esporte Segundo a Orientação Didático-Pedagógica da Teoria de Paulo Freire. **Motrivivência.** Florianópolis: UFSC, ano IX, nº 14, p. 187-198, novembro de 2000.

XAVIER, SELMA MUNIZ DA SILVA. **As Contribuições de Paulo Freire para a Educação Física:** reconhecendo as suas influências. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

